

DISCURSOS – número especial
LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE



ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA REGIONAL

Da Península de Setúbal



*Universidade
Aberta*

com o patrocínio da:
Câmara Municipal do Seixal

Comissão organizadora

Prof.^a Doutora Maria José Ferro Tavares

Prof. Doutor António Augusto Tavares

Prof. Doutor João Luís Cardoso

Edição e propriedade:

UNIVERSIDADE ABERTA,
Rua da Escola Politécnica, 147
1250-100 Lisboa

Execução técnica:

GRÁFICA EUROPAM, LDA.
Estrada de Lisboa-Sintra, Km 14
MEM MARTINS

Depósito legal n.º: 161400/01

Fevereiro de 2001

A OCUPAÇÃO DOS TERRITÓRIOS E A EXPLORAÇÃO DOS RECURSOS NA PENÍNSULA DE SETÚBAL, DO PALEOLÍTICO AO BRONZE FINAL

JOÃO LUÍS CARDOSO*

1 — Os testemunhos humanos mais antigos

A Península de Setúbal foi desde muito cedo investigada do ponto de vista arqueológico. Refiram-se, em 1.º lugar, os trabalhos pioneiros do fundador da geologia estratigráfica e da arqueologia pré-histórica portuguesa, o General Carlos Ribeiro, no seu afã de demonstrar a antiguidade da presença humana no nosso território: trata-se da questão do “Homem Terciário”, que esteve na origem da célebre IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-históricas, reunido em Lisboa em Setembro de 1880. No concernente à Península de Setúbal, Carlos Ribeiro encontrou objectos por ele considerados trabalhados, atribuídos a depósitos ante-quaternários, e assim publicados (RIBEIRO, 1871). A receptividade que, ao mais alto nível científico, tais descobertas tiveram, evidencia a qualidade da investigação no âmbito da Pré-História, então desenvolvida por Carlos Ribeiro e outros dos seus colegas da então Comissão Geológica. No final do século XIX e princípios do seguinte, destaca-se um outro pioneiro, também oriundo do exército, o Tenente-Coronel António Inácio Marques da Costa, que elaborou a primeira carta arqueológica da região de Setúbal (COSTA, 1907).

Os elementos disponíveis sobre a antiguidade da presença humana inscrevem-na entre as mais recuadas ocorrências, que, actualmente, se conhecem na Europa. Correspondem a sítios outrora ocupados ao longo do nosso litoral: recolheram-se diversas evidências nas

* Universidade Aberta.

cascalheiras (Formação de Belverde) da área de Santa Marta de Corroios, Arcos, Perú e Basteza da Mó; trata-se de formações marinhas do princípio do Quaternário, as quais, por critérios geológicos, foram atribuídas ao Calabriano, remontando, em termos de cronologia absoluta, a cerca de um milhão e quinhentos mil anos (AZEVEDO *et al.*, 1979; CARDOSO, 1996); dela provêm pequenos seixos de quartzito, achatados, possuindo talhe muito simples, numa das extremidades ou num dos bordos laterais. (Fig. 1).

Naturalmente, dada a falta de recorte tipológico da larga maioria destas peças, algumas poderão ser consideradas duvidosas; em materiais tão antigos e frustes é muitas vezes difícil de identificar intencionalidade; no entanto, algumas não suscitam grandes dúvidas, dada a sequência contínua dos levantamentos; a sua antiguidade, conquanto seja também passível de discussão, visto tratar-se de recolhas feitas à superfície, é sugerida pelo intenso rolamento, contemporâneo do nível marinho correlativo.

Igualmente expressiva da extrema antiguidade de presença humana na região é uma grande lasca de quartzo (Fig. 2), recolhida “in situ” por A. González na Formação Vermelha de Marco Furado (AZEVEDO *et al.*, 1979; AZEVEDO, 1982), num corte observado junto ao cemitério da Baixa da Banheira (CARDOSO, 1996). Tal formação, por critérios geológicos, e pedológicos, foi considerada do Vilafranquiano Médio, o que faz recuar a cronologia desta ocorrência para época anterior a um milhão de anos.

2 — O Acheulense

O sítio mais importante, dos escassos até agora reconhecidos, situa-se junto a Samouco, dentro do perímetro da base aérea do Montijo. Do ponto de vista tipológico, ocorrem bifaces de formato e talhe regulares, do Acheulense Superior (Fig. 3); tais indústrias provêm de nível marinho, hoje submerso, de natureza argilosa (ZBYSZEWSKI & CARDOSO, 1978); deste modo, é possível relacioná-lo com período interglaciário, por certo o último, situando tal presença em torno de 100 000 anos (Fig. 4).

3 — O Mustierense

As populações acheulenses viviam ao longo de terraços fluviais, relacionados com um antigo Tejo, diferente do actual. As suas sucessoras, de época mustierense, sem abandonarem os vales fluviais mais importantes, iniciaram a sua expansão pelas vastas zonas adjacentes.



FIGURA 1 – Pormenor do gume, obtido por talhe bifacial, de um seixo afeiçoado pré-Acheulense de Belverde (Coíma). Foto de J. L. Cardoso

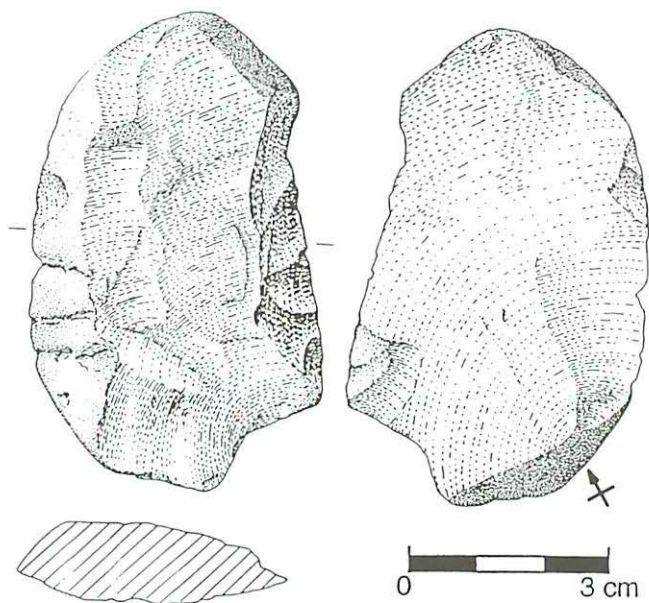


FIGURA 2 – Lasca de quartzo, recolhida *in situ* na Formação Vermelha de Marco Furado, em corte junto do cemitério de Baixa da Banheira. Desenho de B. L. Ferreira

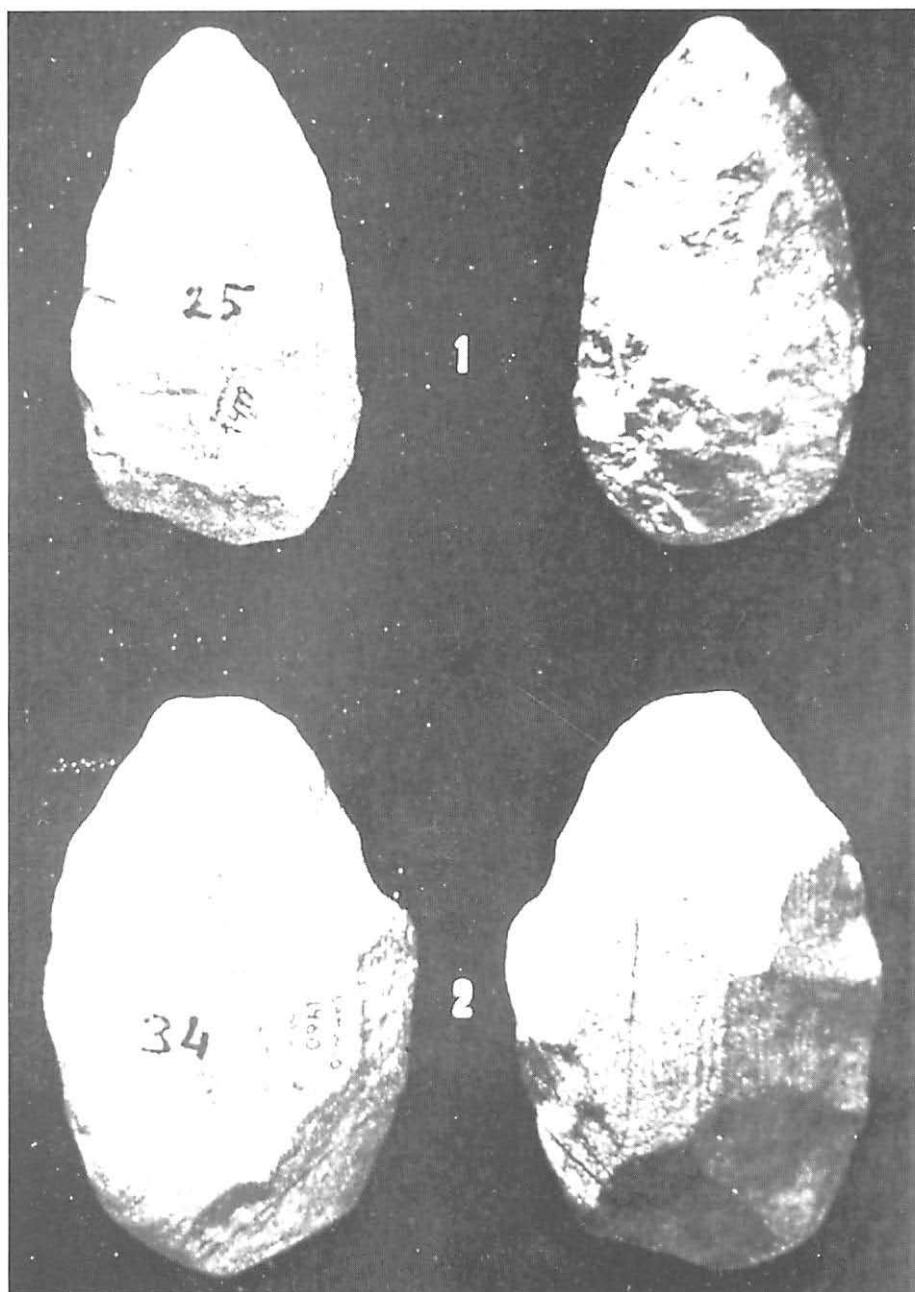


FIGURA 3 – Bifaces do Acheulense Superior da estação de Samouco (segundo ZBYSZEWSKI & CARDOSO, 1978)

Na região em apreço, prospecções realizadas em 1975, permitiram correlacionar estreitamente a dispersão de artefactos mustierenses com níveis de terraços quaternários, essencialmente constituídos por cascalheiras, que se desenvolvem entre Alcochete e o Batedouro, a Oeste do Montijo (CARDOSO & MONJARDINO, 1976/1977). Dessas cascalheiras ainda se conservam importantes retalhos: na região do Alto da Pacheca, perto de Alcochete, recolheram-se numerosos materiais líticos, alguns deles inseridos nos respectivos níveis detriticos; a sua tipologia é inquestionavelmente mustierense. A abundância de núcleos e de lascas sugere a existência, no local, de uma importante oficina. Assim sendo, é estreita a afinidade com um outro sítio, situado a cerca de 1 km e em idêntico contexto geológico (cascalheira de um baixo terraço do Tejo), identificado no decurso do estudo de impacte ambiental da construção da Ponte Vasco da Gama. Trata-se da estação da Conceição; a prospecção arqueológica de superfície então realizada, permitiu identificar nesta zona uma dispersão extraordinária de materiais paleolíticos. Importava, pois, averiguar qual o real interesse estratigráfico do sítio. Para tal, executou-se uma escavação de emergência, em Outubro de 1996 (Fig. 5), cujos resultados não se limitaram a ser entregues sob a forma de um relatório à Lusoponte, o consórcio construtor, dando origem a uma publicação por aquele custeada, o que é de destacar (RAPOSO & CARDOSO, 1998). As indústrias recolhidas são idênticas às do Alto da Pacheca: dominam os núcleos discóides mustierenses (Fig. 6), dos quais se obtinham lascas, utilizadas tal e qual, ou transformadas sumariamente em diversos instrumentos; são frequentes os bordos denticulados, tornando-os assim mais cortantes. A cronologia absoluta, obtida pelo método da termoluminescência para a referida presença humana, deu o resultado de $27\ 200 \pm 2500$ BP, fazendo-a corresponder às derradeiras populações neandertalianas em solo europeu, acantonadas na metade setentrional do território peninsular.

Estas importantes ocupações, tanto do Paleolítico Inferior como do Paleolítico Médio do norte da Península de Setúbal, estreitamente relacionadas com o Tejo, e com os depósitos detriticos por ele originados, onde se poderiam obter em abundância os seixos quartzíticos necessários para a confecção de tais artefactos, têm também equivalente no litoral meridional, por razões análogas. Com efeito, desde a década de 1940, que ali se desenvolveram importantes trabalhos de prospecção, do cabo Espichel a Sesimbra (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1945; SERRÃO, 1974), em consequência dos quais foram identificadas numerosas estações arqueológicas paleolíticas, relacionadas também com sucessivos níveis de praias quaternárias, actualmente representados por retalhos, mais ou menos erodidos (CARDOSO, 1994). Mercê do



FIGURA 4 – G. Zbyszewski (à direita) descrevendo a estratigrafia da estação acheulense de Samouco (Alcochete), em 1977. Foto de E. Miranda



FIGURA 5 – Aspecto da escavação de emergência realizada na estação mustierense de Conceição (Alcochete). Foto de I. C. Fernandes

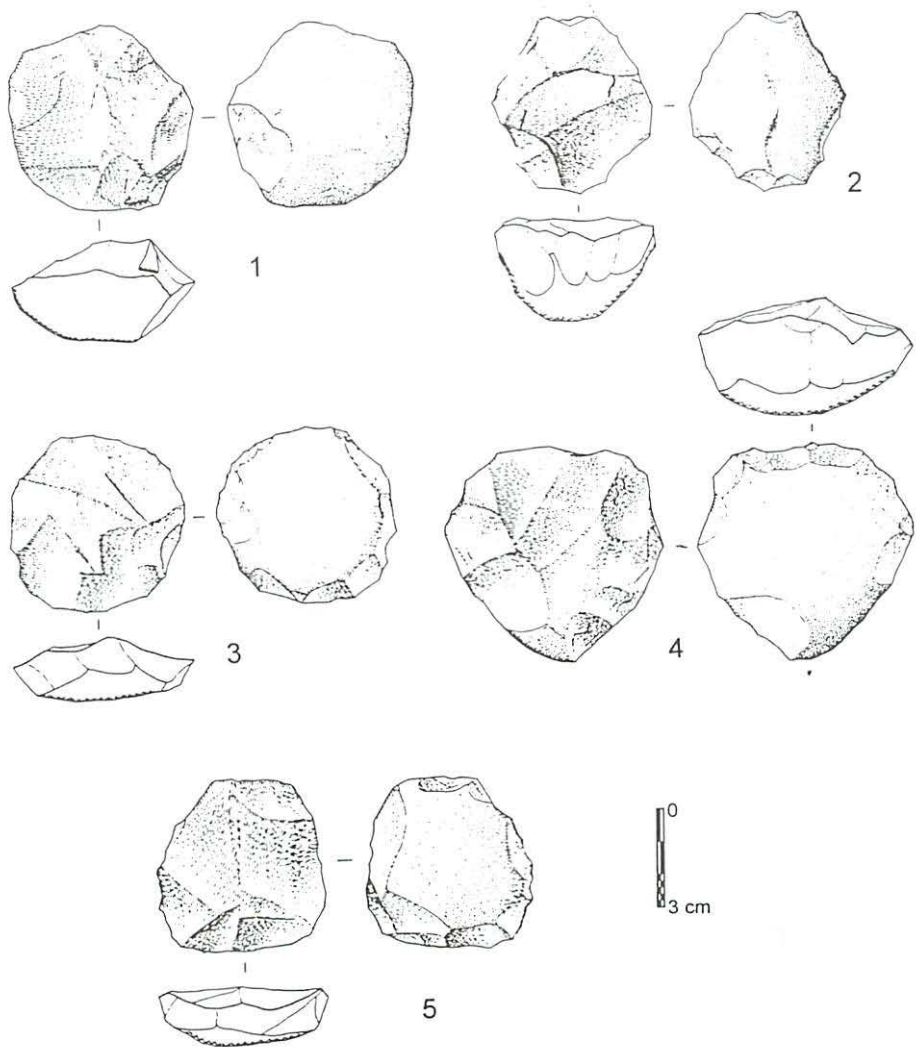


FIGURA 6 – Núcleos discóides mustierenses de Conceição (Alcochete)
 (segundo RAPOSO & CARDOSO, 1998)

substrato calcário que constitui a ossatura da Arrábida, o entalhe pelo mar foi facilitado; porém, tais rochas apresentam-se suficientemente resistentes à erosão, razão pela qual foram preservados os testemunhos das acções mecânicas aludidas, constituído um dos trechos do litoral português onde melhor se pode observar o dispositivo das rechãs e praias quaternárias, escalonadas em degraus, a diversas altitudes; por isso, foram precocemente reconhecidas e estudadas (CHOFFAT & DOLLFUS, 1904/1907; ZBYSZEWSKI & TEIXEIRA, 1949). Ali predominam as indústrias de pequenos seixos simplesmente talhados, as quais, deste modo, não se podem reportar apenas aos tempos mais recuados da presença humana, sendo um dos casos em que a limitação imposta pela natureza, volume e forma da matéria-prima disponível, foi determinante na tipologia dos artefactos produzidos: daí a designação de indústrias lusitanianas e micro-lusitanianas, por parte de BREUIL & ZBYSZEWSKI (1945), expressiva do particularismo tipológico observado.

Porém, a mais importante ds estações paleolíticas do trecho litoral meridional da Arrábida, corresponde à gruta da Figueira Brava, objecto de escavações prolongadas por uma equipa do Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da Universidade Nova de Lisboa (Fig. 7). Esta gruta, que actualmente se abre sobre o mar, a Oeste do pequeno forte do Creiro, situar-se-ia a cerca de 60 m de altitude 30 mil anos antes do presente, como indicam as datas de radiocarbono obtidas (ANTUNES *et al.*, 1989). Assim sendo, a zona que hoje em dia correspondente à foz do Sado, constituía então uma vasta planície litoral rica de gramíneas, onde grandes mamíferos, como o auroque (*Bos primigenius*), o rinoceronte (*Dicerorhinus hemitoechus*) e, eventualmente o mamute (*Mammuthus primigenius*) ou o elefante (*Elephas antiquus*) poderiam encontrar condições adequadas de subsistência: de todas estas espécies foram encontrados restos, nas escavações efectuadas na gruta (ANTUNES, 1990/1991; CARDOSO, 1993) (Fig. 8). Estas permitiram, por outro lado, a recolha de uma abundante indústria lítica associada a tais restos, com predomínio das peças de quartzo, confeccionadas sobre seixos mais ou menos rolados, existentes localmente nos depósitos miocénicos.

Tais peças integram-se, do ponto de vista tipológico-cultural, no conjunto das indústrias mustierenses (CARDOSO & RAPOSO, 1995; RAPOSO & CARDOSO, 1999, 2000) (Fig. 9), como as de Conceição, inscrevendo-se, de igual modo, nos conjuntos produzidos pelos derradeiros bandos neandertalianos, documentados antropologicamente por alguns restos na gruta da Figueira Brava, em cujas descobertas o signatário teve intervenção activa. Algumas peças evidenciam procura deliberada de certas matérias-primas que,



FIGURA 7 – A Gruta da Figueira Brava (Setúbal) vista do mar. Observe-se, de ambos os lados da entrada, restos do enchimento mustierense, correspondente a depósito vermelho brechificado. Foto de J. L. Cardoso

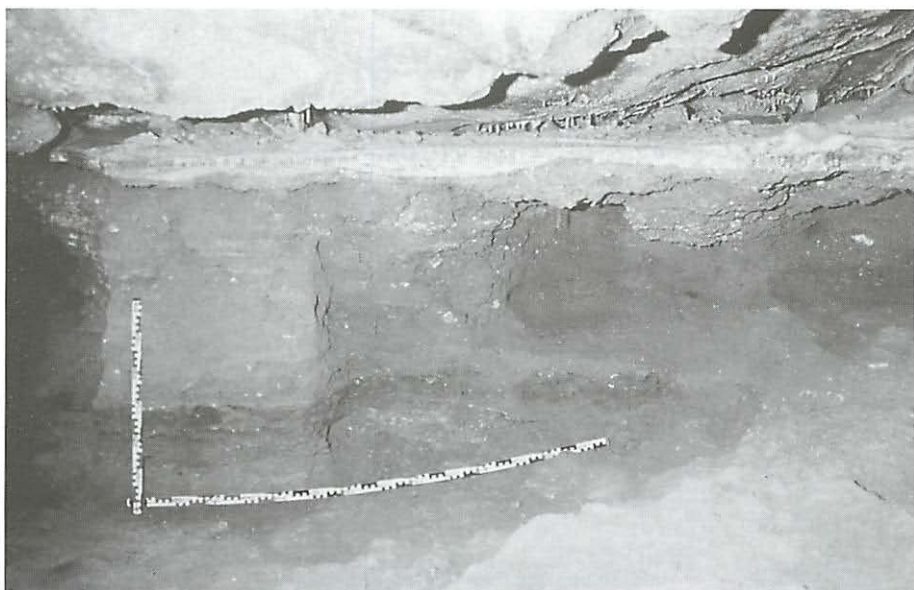


FIGURA 8 – Vista parcial do corte estratigráfico realizado na sucessão mustierense da gruta da Figueira Brava (Setúbal). Observa-se, no topo, leito estalagmítico, na parte média depósito avermelhado mais ou menos brechificado com indústrias mustierenses e restos faunísticos e, na base, leitos carbonosos lenticulares descontínuos (ANTUNES & CARDOSO, 2000, Fig. 28)



FIGURA 8 – Indústrias mustierense de sílex e de quartzo da gruta da Figueira Brava (Setúbal)

pela sua qualidade, justificavam recolha numa área mais alargada: no caso, o sílex poderia provir da serra de São Luís, a mais de 10 km de distância. Tal pesquisa do sílex, documenta o aprovisionamento duma matéria-prima, que, pelas suas características mecânicas, se tornou estratégica para as actividades quotidianas, a partir do Mustierense. Para além da recolha e da caça de grandes herbívoros na vasta plataforma litoral, então emersa, a cabra montês, cujos restos também se encontraram na gruta, era capturada na serra: a frequência desta deduz-se da ocorrência de algumas peças acumuladas em pequena depressão cársica ali identificada, em tudo semelhantes às recolhidas na gruta da Figueira Brava (ANTUNES *et al.*, 1992); tal significa que os neandertais eram ainda, nesta região como noutras, caçadores não especializados. Consumiam tudo aquilo que pudessem capturar, comportando-se, circunstancialmente, como necrófagos. Esta possibilidade é ilustrada por uma mandíbula de hiena encontrada na gruta, com uma fractura e marcas de fogo evidentes, que sugerem o seu consumo circunstancial; neste contexto se integra a questão, tão discutida, do canibalismo, cuja prática parece estar presente na gruta, partindo da análise de marcas de corte consideradas não acidentais, observadas em dente humano (ANTUNES & CUNHA, 1992).

Do fim do Paleolítico Médio e até ao final da última glaciação, há cerca de 10 mil anos antes do presente, não se reconheceram quaisquer testemunhos seguros da presença humana na Península de Setúbal. Não porque no decurso de tão longo lapso temporal a região estivesse despovoada: uma região com tantos recursos, não deixaria de constituir domínio interessante para a presença humana. Simplesmente, as indústrias então produzidas, normalmente de pequeno tamanho, passam despercebidas: só pesquisas muito cuidadosas no terreno, é que permitiriam a sua identificação. Com efeito, ainda que possamos admitir que, então, boa parte da Península de Setúbal estivesse coberta pela floresta (sobretudo de *Pinus*), é lícito admitir que, sobretudo ao longo do litoral e na adjacência dos estuários dos dois grandes rios que a limitam a Norte e a Sul, tribos aurinhacenses, solutrenses e magdalenenses ali tivessem estacionado: a subida do nível marinho, acompanhado pelo assoreamento dos estuários, pode explicar, em parte, a dificuldade de identificação das sucessivas fases culturais referidas. É provável, contudo, que alguns dos materiais designados por “languedocenses” — que continuam a tradição macrolítica do talhe de grandes seixos de quartzito que era a matéria-prima mais facilmente acessível — correspondam, ao menos em parte, às actividades de tais grupos humanos. Uma das estações onde essas peças, já tardias no âmbito das indústrias macrolíticas, foram encontradas, é a da Ponta do Cabedelo, situada no topo da arriba fóssil, perto dos Capuchos, Caparica (FERREIRA, 1951). Trata-se, no caso, de materiais pós-paleolíticos, embalados em areias dunares soltas, acumuladas provavelmente nos primeiros tempos do Holocénico, os quais documentam a continuidade da ocupação humana desta região, logo no início do pós-glaciário (correspondente ao Epipaleolítico).

4 — O Neolítico

A jazida de Fonte de Sesimbra, implantada numa encosta sem condições naturais de defesa e onde se encontraram cerâmicas com decorações incisadas e impressas, configurando uma fase avançada do Neolítico Antigo (SOARES, SILVA & BARROS, 1979), representa o início de uma nova fase da ocupação humana da área em causa, marcada pela introdução da agricultura. A metódica exploração dos recursos naturais, incluindo os de carácter geológico já era, então, uma realidade: a existência de uma oficina de talhe de sílex em Amieira (Sesimbra), onde se recolheram abundantes núcleos de sílex (Fig. 10), matéria-prima existente nas imediações, indica actividade especializada, correspondente à obtenção de pequenas lâminas ou de lascas, transformadas ulteriormente em diversos tipos de artefactos (CARDOSO, 1992).

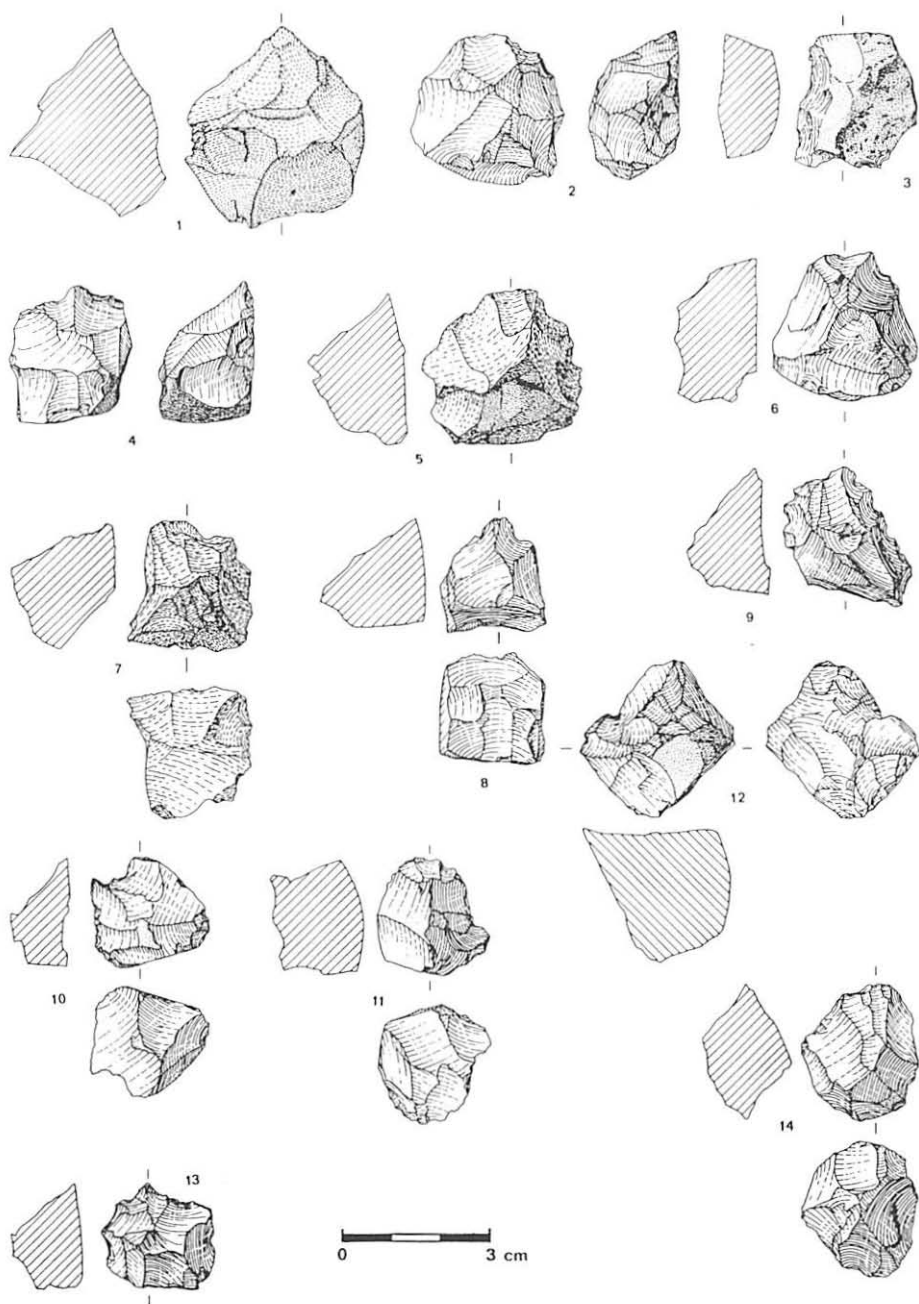


FIGURA 10 – Núcleos de quartzito (1) e de sílex mais ou menos grosseiro (os restantes) da estação do Neolítico Antigo de Amieira, Sesimbra (segundo CARDOSO, 1992)

No Neolítico Médio e no Neolítico Final, as estações da Comporta (Fig. 11), na base da Península de Tróia, documentam, no entanto, a manutenção da importância das práticas de recollecção: com efeito, as populações ali sediadas sazonalmente, dedicavam-se, de forma especializada, ao marisqueio (SILVA *et al.*, 1986). Em tal época, situável ao longo do IV milénio a.C., até inícios do seguinte, a Península de Tróia ainda não existia com a actual configuração. Tratava-se, então, de cordão litoral arenoso, progradante de Sul para Norte, mas que ainda não teria fechado uma antiga ligação meridional do Sado ao Oceano; isso mesmo nos é indicado pelas espécies de moluscos encontradas, designadamente, a amêijoia, que evidencia águas de maior salinidade do que aquelas que hoje em dia se podem encontrar na zona, isolada do Oceano pelo referido cordão arenoso. O estudo tipológico dos materiais encontrados — especialmente os cerâmicos, conjuntamente com as datas de radiocarbono obtidas, permitiram definir três fases, de significado cronológico e cultural específico: a 1.^a fase, do Neolítico Médio; a 2.^a fase, da transição do Neolítico Médio para o Neolítico Final; e, finalmente, a 3.^a fase, já do Neolítico Final e da transição deste para o Calcolítico. A este propósito, não é espúrio notar que o único concheiro, cuja proximidade com terrenos de aptidão agrícola sugere o aproveitamento destes, é justamente o mais moderno da série (Pontal).



FIGURA 11 – Vista do concheiro de Malhada Alta, Comporta (Península de Tróia), em segundo plano, dominando a planície aluvionar moderna. Foto de C. Tavares da Silva

As populações que ali viviam durante uma determinada época do ano, ocupariam outros locais, em períodos mais desfavoráveis, eventualmente do outro lado do estuário. De facto, é a partir do Neolítico Final, que o desenvolvimento da exploração dos recursos agro-pastoris assume expressão generalizada, ao mesmo tempo que o aproveitamento dos de ordem geológica se especializam. Refira-se concretamente um desses sítios, a Ponta da Passadeira, no vizinho Concelho do Barreiro, em zona ribeirinha a esteiro do Tejo (SOARES, 1998), onde se escavou conjunto de fornos de cozer cerâmica na transição do Neolítico Final para o Calcolítico, ou já calcolíticos. Tais fornos laboravam com barros extraídos directamente do próprio estuário, possibilitando a produção de recipientes em grande quantidade, os quais, no entender do signatário, poderiam ser ulteriormente distribuídos por diversos povoados da região. Tais povoados implantavam-se sobretudo, em sítios de altura: é o caso do Alto de S. Francisco, no Concelho de Palmela, onde se encontrou apenas um nível arqueológico, do Neolítico Final (SILVA & SOARES, 1986). A crescente preferência por sítios no alto de colinas e com boas condições de defesa tem, obviamente, um significado económico e social. Pela primeira vez, as inovações introduzidas nos sistemas de produção — a tracção animal com o aproveitamento de bovídeos domésticos (que só agora surgem com abundância nos registos arqueológicos, como no nível do Neolítico Final de Leceia), tanto na agricultura (arado) como no transporte de mercadorias (atrelagem a carros) — permitiram aumentos significativos de produção, atingindo-se níveis até então desconhecidos: a tais inovações tecnológicas e aos seus resultados na esfera económica e social deu-se o nome de “Revolução dos Produtos Secundários”.

Os aumentos de produção agro-pastoris referidos, tiveram como resultado imediato a acumulação de excedentes, por parte de comunidades que até então viviam no limiar da subsistência, os quais careciam de protecção adequada, pois deles dependia a própria sobrevivência do grupo em épocas de maior penúria; é deste modo que se pode explicar a crescente preferência pela implantação de povoados em locais com boas condições naturais de defesa, primeiro sem recurso a fortificação, depois, já no Calcolítico, com recurso a estruturas defensivas. Também na área em apreço existem exemplos de tais sítios fortificados, que constituem uma das expressões mais emblemáticas do Calcolítico.

5 — O Calcolítico

O povoado do Pedrão implanta-se em esporão rochoso, dominando a baixa de Palmela e o estuário do Sado (Fig. 12). Conquanto não se tenham identificado muralhas, a primeira ocupação calcolítica ali verificada remonta ao Calcolítico Inicial (SOARES & SILVA, 1975). Outro sítio com características



FIGURA 12 – O esporão rochoso de Pedrão (Setúbal), dominando a cidade de Setúbal e o estuário do Sado, ocupado no Calcolítico Inicial e no Campaniforme. Foto de C. Tavares da Silva

semelhantes é o bem conhecido povoado da Rotura, explorado no princípio do século por A. I. Marques da Costa (COSTA, 1905, 1907, 1910). Grandes recipientes de armazenamento (“vasos de provisões”) ali encontrados, pertencentes ao Calcolítico Pleno, documentam, justamente, a existência de excedentes, de forma cada vez mais evidente, no decurso do Calcolítico. Trata-se de um processo de intensificação económica, envolvendo a exploração, de maneira progressivamente mais completa, com recurso a processos técnicos sucessivamente aperfeiçoados, da vasta gama dos recursos naturais potencialmente disponíveis. Entre estes, continuaram a contar-se os produtos da recolha pura, herdada dos tempos paleolíticos, como a fauna malacológica. Com efeito, as conchas ali encontradas (SILVA, 1963), documentam a exploração de vários biótopos, existentes ao longo do litoral e no próprio estuário do Sado, então mais perto do referido povoado. Tal população explorava, pois, de forma diversificada, o litoral adjacente, onde também pescava: prova disso é a grande quantidade de anzóis de cobre ali encontrados (GONÇALVES, 1971), o conjunto mais numeroso até ao presente reunido num povoado calcolítico, que mostra a importância que a pesca certamente detinha, efectuada a partir das praias ou em pequenas embarcações, no próprio estuário do Sado. Alguns panos

de muros, fotografados por Marques da Costa, poderão pertencer a um dispositivo defensivo calcolítico, tal como outros, identificados por V. Gonçalves (GONÇALVES, 1971).

Outro povoado calcolítico, este seguramente muralhado, situado próximo do estuário do Sado mas dominando visualmente todo o vasto território para Norte, até ao Tejo, é o de Chibanes, também investigado por Marques da Costa (COSTA, 1905, 1907, 1910). Implanta-se no alto de crista longitudinal miocénica (a pré-Arrábida, de Orlando Ribeiro) (Fig. 13). Ali foram identificadas sucessivas presenças humanas, do Neolítico Final ao Período Republicano. A ocupação calcolítica integra uma muralha, subjacente aos níveis da Idade do Ferro (SILVA & SOARES, 1997). É provável que, tanto Chibanes, como a Rotura, ambos com ocupações importantes no Calcolítico Pleno, tenham resultado do abandono do Pedrão, sítio existente nas proximidades de ambos (mais perto da Rotura), cuja importante ocupação ali identificada no Calcolítico Inicial, foi interrompida, para só se afirmar de novo no Campaniforme (SOARES & SILVA, 1975).

Um outro sítio que carece de exploração é o bem conhecido Castro de Sesimbra, que ainda não foi objecto de escavações adequadas; a prospecção de superfície mostrou a existência de muralhas, que tivemos a oportunidade de



FIGURA 13 – A crista miocénica de Chibanes, localmente ocupada no Calcolítico e na Idade do Ferro.
Foto de C. Tavares da Silva

identificar, no que fomos, sem que disso então tivéssemos conhecimento, antecédidos por outros: é o que se concluiu da observação de esboço existente no Caderno de Campo de O. da Veiga Ferreira, do ano de 1966 (Fig. 14).

No final do Calcolítico, é provável que o modelo de sociedade baseado em sítios fortificados, nos quais a população se concentrava, hostilizando-se mutuamente, terá entrado em colapso. Com efeito, o panorama de então poderá ser conotado com o que hoje em dia se poderia designar por desenvolvimento não sustentado; o clima de conflito generalizado, então existente, que limitava em muito o pleno desenvolvimento das capacidades produtivas e criadoras da sociedade, ditou o seu próprio declínio: assim se explica o abandono quase generalizado, observado em tais sítios, sobretudo ao nível das estruturas defensivas, apesar da crescente capacidade económica das respectivas populações. No final do Calcolítico, voltam, de novo, a afirmar-se, na península de Setúbal, povoados abertos, implantados no alto de pequenas colinas, como os do Neolítico Final. Remontam ao período Campaniforme, no decurso do qual se observa o retorno a um modelo de povoamento anterior, de que são exemplo os sítios do Moinho da Fonte do Sol (Fig. 15), no Concelho de Palmela (SOARES, BARBIERI & SILVA, 1972), ou o Povoado das Malhadas (Fig. 16), também na região de Palmela, onde se identificou apenas um único nível arqueológico, integrável no período Campaniforme (SOARES & SILVA, 1974/77).

Este modelo de sociedade, que corresponde à fissão de povoados de maiores dimensões e por vezes fortificados, onde a população se concentrava, foi, de certo modo, a resposta encontrada, para contornar o impasse a que a mesma tinha sido conduzida. Este novo paradigma demográfico, caracterizado pelo povoamento disperso, em pequenos núcleos ou sítios de cunho quase (ou mesmo) familiar, ao contrário do que se poderia ingenuamente pensar, caso se tivesse apenas em consideração a falta de monumentalidade de tais locais comparativamente aos do período anterior, não representou qualquer regressão, tanto do ponto de vista económico como social. Ao contrário: a complexificação da sociedade prosseguiu, consubstanciando-se em formas de diferenciação social, que se vieram a verificar imediatamente a seguir, no decurso da Idade do Bronze: disso é prova o chamado “pacote campaniforme”, panóplia de artefactos de circulação e produção supra-regional, com destaque para as peças de cobre, matéria-prima inexistente na região, cuja aquisição, por parte destas populações, pressupõe necessariamente uma base económica que só a exploração, cada vez mais aperfeiçoada, dos recursos agro-pastoris poderia proporcionar. A presença insistente de armamento (pontas Palmela, punhais e adagas), pressupõe mesmo a emergência de um segmento guerreiro, no seio da sociedade, o qual virá a afirmar-se plenamente, no decurso da Idade do Bronze.

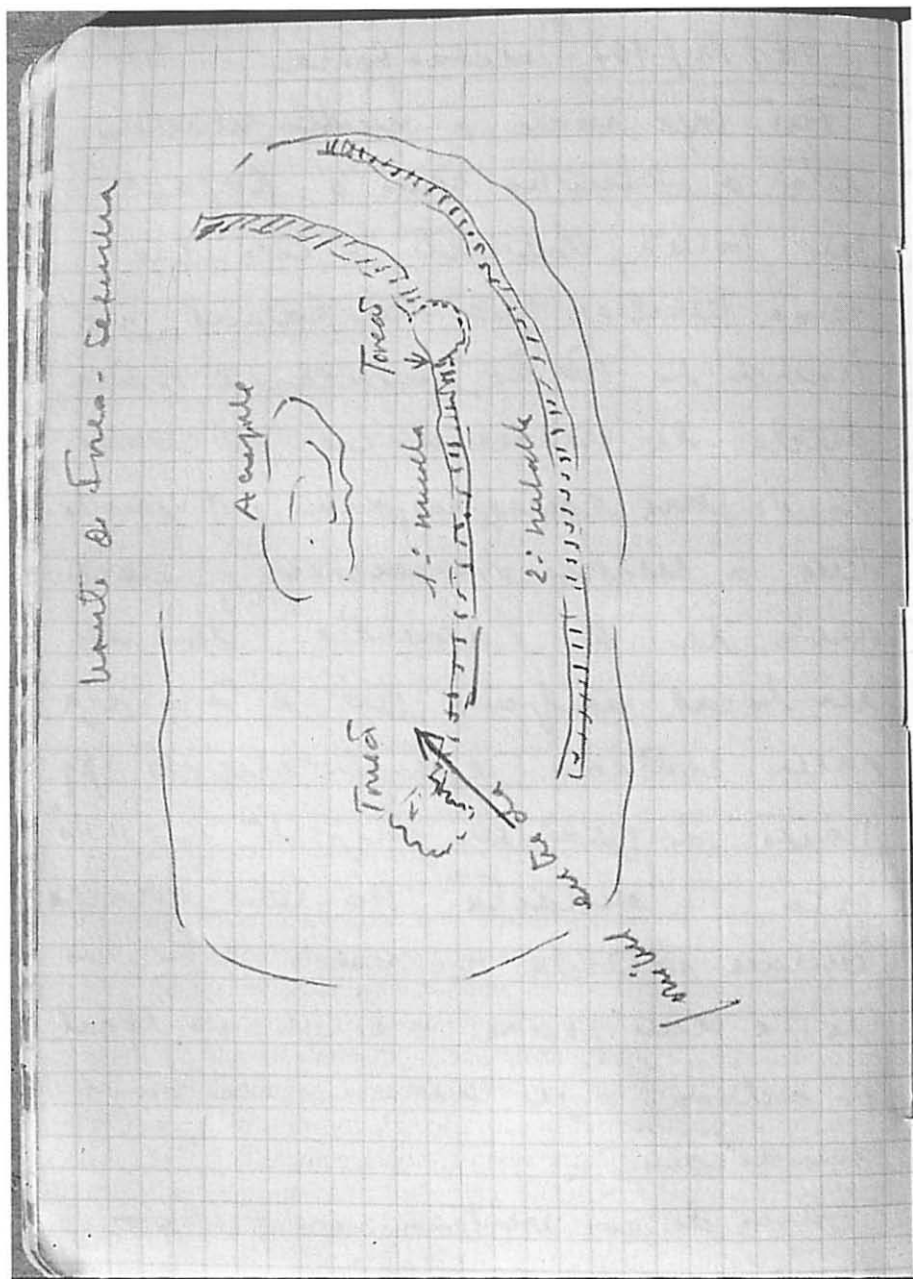


FIGURA 14 – Extracto do Caderno de Campo de O. da Veiga Ferreira, relativo ao ano de 1966, com esboço do dispositivo defensivo por si observado no povoado pré-histórico de Sesimbra



FIGURA 15 – Povoado do Moinho da Fonte do Sol, Palmela. Foto de C. Tavares da Silva

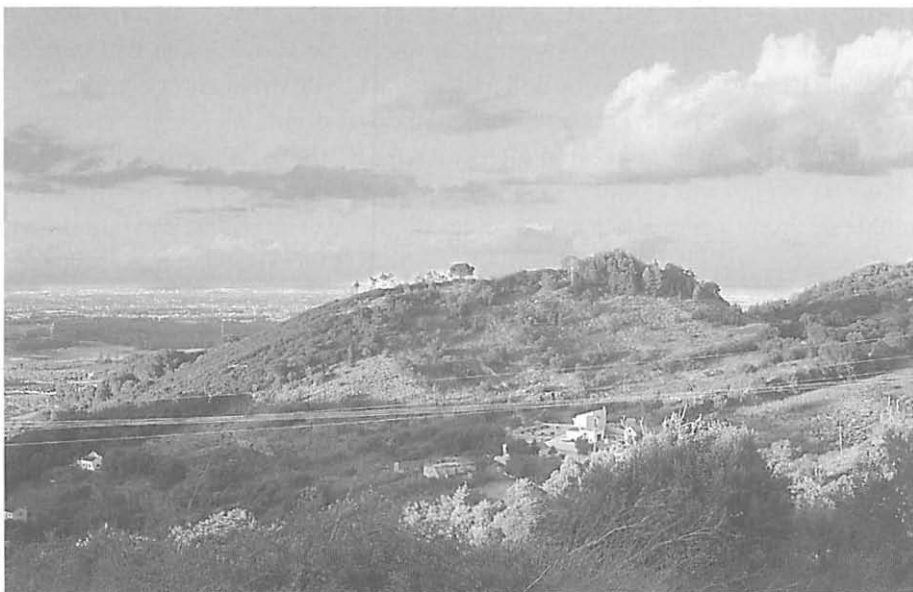


FIGURA 16 – Povoado de Malhadas, Palmela. Foto de C. Tavares da Silva

6 — A Idade do Bronze

Na Idade do Bronze assiste-se à generalização dos produtos de difusão supra-regional, cuja presença já se encontrava sugerida anteriormente, mercê do pleno estabelecimento e manutenção de vias comerciais estáveis e duradouras. De facto, a península de Setúbal, situada entre os estuários de duas das principais vias fluviais que atravessam o território português, desde cedo constituídas em meios de circulação de bens e matérias-primas, de e para o interior, rico de recursos de natureza muito diversa, não poderia deixar de reflectir tal situação. À fase terminal da Idade do Bronze, pertencem dois achados de artefactos de bronze, ambos do concelho de Sesimbra. Perto da povoação de Pedreiras, encontrou-se ocasionalmente um machado de alvado com dois anéis para encabamento e uma foice de talão do tipo Rocanes; em Alfarim, recolheu-se um machado de alvado sem anéis e um outro, do tipo do anterior (SERRÃO, 1966) (Fig.17). A distribuição tipológica destes tipos artefactos metálicos à escala supra-regional, mostra que se acantonam precisamente na região estremenha: trata-se, pois, de produções locais, de onde seriam exportadas, chegando, nalguns casos a atingir o Mediterrâneo Central, cujos sítios com bronzes peninsulares ou de imitação peninsular se concentram na Sardenha, dispersando-se também pela Sicília e pelo litoral ocidental da Itália (Lo SCHIAVO, 1991; COFFYN & SION, 1993); inscrevem-se, claramente, no comércio atlanto-mediterrâneo, que caracterizou os finais da Idade do Bronze, já nos inícios do I Milénio a. C. A Estremadura comportava-se, então, como “placa giratória”, articulando os domínios setentrionais com os meridionais e o litoral com o interior (KALB, 1980), aspecto bem evidenciado na região em estudo. Nestes termos, ganha acrescido significado o molde de arenito para o fabrico de foices do tipo das referidas, encontrado em Rocanes, Cacém, já a Norte do estuário do Tejo (FONTES, 1916). O facto de, para a sua fundição, ser necessário simultaneamente o cobre e o estanho, matérias-primas oriundas, respectivamente, do centro interior do país, através do Tejo e dos seus afluentes da margem direita, e do interior baixo-alentejano, pela via do Sado, é bem demonstrativo da importância económica atingida ao tempo pela região, no âmbito de tais produções, em parte destinadas a exportação pela via marítima. Com efeito, a aquisição destas matérias-primas, de custo elevado, não se poderá explicar apenas pela bem sucedida actividade agro-pastoril então desenvolvida; será necessário admitir proventos mais importantes, decorrentes das mais-valias retiradas do comércio transregional dos próprios objectos previamente adquiridos ou localmente manufacturados. Claro que o abastecimento de tais matérias-primas poderia

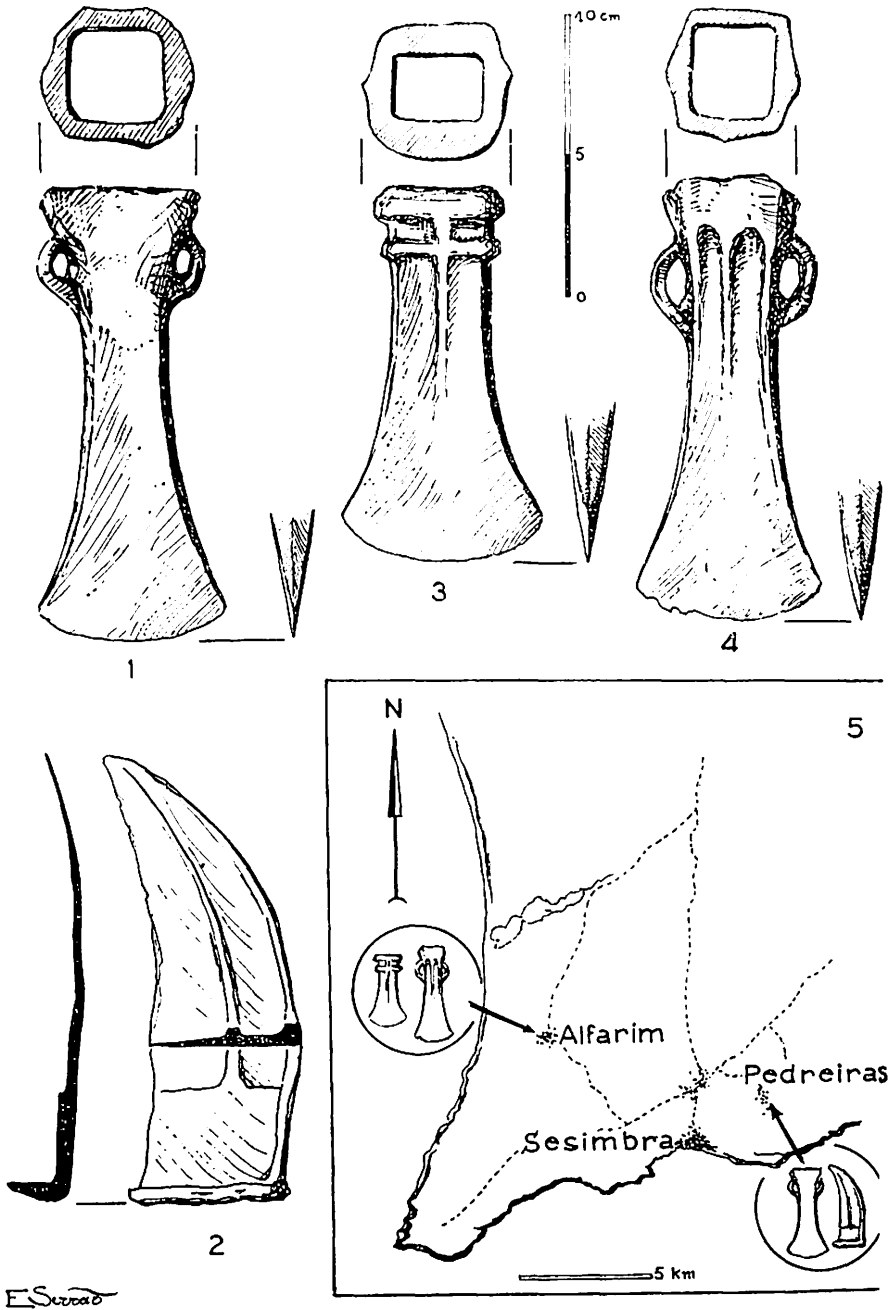


FIGURA 17 – Materiais do Bronze Final de Alfirim e Pedreiras (segundo Serrão, 1966)

ainda obter-se por troca de outros produtos valiosos, como o sal, produzido tanto no estuário do Tejo como no do Sado, cuja importância, ainda que não demonstrada, era previsível, para o abastecimento das populações do interior que dele careciam em absoluto. Outra matéria-prima de alto valor era o ouro, de exploração sazonal no estuário do Tejo (Almada, Trafaria) e no litoral oceânico adjacente (Adiça), seguramente desde o Calcolítico.

Os pequenos casais agrícolas, onde se desenvolvia uma agricultura especializada, centrada nas produções cerealíferas — para tal conclusão concorrem as três foices de bronze conhecidas na Península de Setúbal, respectivamente em Pedreiras (já referida), Calhariz e Fonte de Rotura (COFFYN, 1985), cuja cronologia se pode situar em torno do século IX AC — certamente estariam na dependência de centros mais importantes, dos quais eram tributários, situados em zonas altas, ocupados pelo segmento dominante da sociedade. A realidade social do Bronze Final da região estremenha (CARDOSO, 1995; CARDOSO, 1997/1998), seria assimilável a uma pirâmide cujo vértice superior correspondia à elite guerreira, então já plenamente afirmada. Expressão da sua existência, além das jóias ou outros elementos de luxo e de adorno, são as armas, representadas por dois exemplos na região em apreço: um pequeno punhal do tipo “Porto de Mós”, recolhido na Lapa do Fumo, Sesimbra (COFFYN, 1985); e, sobretudo, uma espada do tipo “língua de carpa” (GOMES, 1992), recuperada em dragagem efectuada defronte dos antigos estaleiros da firma Parry & Son, em Cacilhas (Fig. 18). A sua ocorrência remete para as oferendas às divindades aquáticas cultuadas no Bronze Final. Com efeito, M. RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO (1995 a) inventariou numerosas ocorrências de espadas recuperadas em dragagens efectuadas nas desembocaduras dos principais rios peninsulares, relacionadas com tais práticas culturais; a alternativa, sempre possível, seria a de atribuir este achado a um naufrágio ou a perda acidental, a qual, porém, perde consistência face à regularidade das ocorrências. As armas são a expressão mais relevante da presença do segmento guerreiro no seio das elites do fim do Bronze Final (ou Bronze Final II) da região em apreço. Peças de elevado cunho simbólico, a elas — e, em particular às espadas — estava reservado o papel de exteriorização desse poder temporal, raramente expresso por acções violentas. Como bem assinala R. VILAÇA (1995), são escassíssimos os testemunhos de conflitos armados no Bronze Final, em contraste com a abundância de armas então em circulação.

Também escassas — certamente por falta de escavações nos locais mais promissores — são as informações sobre povoados de altura do Bronze Final da região em causa. Um dos sítios conhecidos é o Castelo dos Mouros, elevação situada na encosta meridional da Arrábida, onde C. Tavares da Silva e J. Soares



FIGURA 18 – Zona dos antigos estaleiros da Parry & Son, em Cacilhas, onde foi recuperada uma espada do tipo “língua de carpa”, nas dragagens efectuadas na década de 1950. Foto de J. L. Cardoso

recolheram, à superfície, fragmentos cerâmicos desta época (SILVA & SOARES, 1986). Neste, entre outros locais, se sediaria a elite que administraria um território de limites então bem definidos.

A Península de Setúbal, especialmente a sua frente estuarina do Tejo e a equivalente sadina, detinha, então, excelentes condições de apoio à navegação litoral, responsável pela circulação de produtos metálicos, de expressão trans-regional, como os referidos. Por certo, parte dessas produções eram controladas pelas elites, que deste modo assegurariam o abastecimento das matérias-primas, através de pactos transregionais, seguido da sua transformação e, por último, da respectiva distribuição e comércio, incluindo exportação para o Mediterrâneo; dali proviriam, em contrapartida, sobretudo objectos de adorno, armas e peças de índole ritual, destinadas ao uso das elites. No que concerne à região em estudo, merece destaque o sítio da Quinta do Marcelo, Almada. Num contexto do Bronze Final de onde se destaca a característica cerâmica com ornatos brunidos no interior e no exterior, de evidente origem ou inspiração andaluza (Fig. 19), foi recolhido um conjunto que bem evidencia tais contactos: merece destaque uma fíbula de dupla mola (BARROS, 1998), um dos exemplares mais recuados destas fíbulas, consideradas por A. COFFYN (1985) como resultantes da evolução, no litoral levantino peninsular, das fíbulas de cotovelo. Aquela

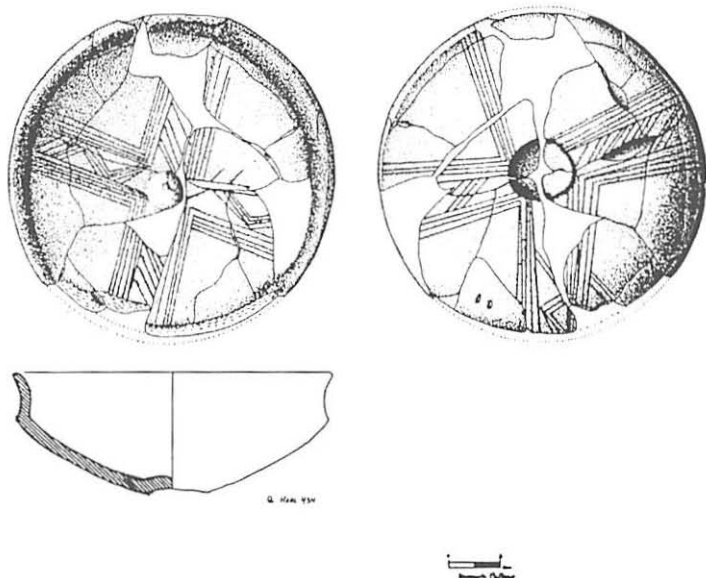


FIGURA 19 – Taça carenada com decoração de ornatos brunidos no interior e exterior da Quinta do Marcelo (seg. BARROS, 1998)

estrutura também continha diversas pequenas facas de ferro, cuja antiguidade e contexto cultural é nitidamente pré-colonial. Deste modo, conclui-se que a introdução de peças de ferro, na região, se verificou em época anterior à presença fenícia, aliás à semelhança do que R. VILAÇA (1995) observou em povoados do sul da Beira Interior. O exemplar em melhor estado (BARROS, 1998), corresponde a peça de corpo curvo, idêntica a dois exemplares do povoado da Moreirinha, Idanha-a-Nova, justamente comparada com exemplares dos séculos XIII/XII da Grécia e de Chipre (VILAÇA, 1995). Aliás, segundo Lo SCHIAVO (1991), a introdução do ferro na Sardenha deve-se a comerciantes cipriotas, tendo-se verificado pela mesma época. Dali, ter-se-ia difundido para ocidente, por via da actividade comercial de sardos, actuando como intermediários dos comerciantes do Mediterrâneo oriental. Assim se explica a sua chegada precoce à Península, a qual pressupõe a presença ou, ao menos, a frequência esporádica do seu litoral por comerciantes das ilhas do Mediterrâneo central, afinal os mesmos que para ali transportariam artefactos peninsulares de bronze, os quais têm a sua melhor expressão no conjunto encontrado no Monte Sa Idda, Cagliari, Sardenha (TARAMELLI, 1921). Neste contexto, o monumento da Roça do Casal do Meio, Sesimbra, ganha significado e importância acrescidos (Fig. 20). Escavado em finais de 1972 (SPINDLER &



FIGURA 20 – Vista parcial do sepulcro da Roça do Casal do Meio, Calhariz (Sesimbra) depois de escavado. Em primeiro plano, observa-se a câmara, circular e uma tumulação em decúbito lateral (sepultura 2). Em segundo plano, o corredor do monumento, selado junto da entrada por grande bloco (*stomion*).
Foto de K. Spindler / O. da Veiga Ferreira

FERREIRA, 1973), trata-se de sepulcro único no seu género na Península Ibérica; tanta estranheza causou, que foi por alguns considerada a hipótese de corresponder, simplesmente, a reutilização de um sepulcro calcolítico (BELÉN *et al.*, 1991), a qual não é confirmada pelas características arquitectónicas e construtivas bem como pelos rituais funerários nele praticados (CARDOSO, 2000 a, 2000 b). O alto estatuto dos dois indivíduos (um seguramente masculino) que ali foram sepultados é evidente, como evidentes são as afinidades mediterrâneas do espólio que os acompanhava: a uma fíbula de enrolamento no arco, de afinidades sicilianas, a que se pode atribuir cronologia dos séculos XI ou X AC, somam-se duas pinças, também de bronze (Fig. 21), talvez relacionadas com o tratamento da barba, atributo de estatuto social em diversas culturas pré-clássicas (RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1995 b) e um pente, utilizável para o mesmo fim, uma das raras peças de marfim peninsulares pré-coloniais, certamente de origem norte-africana. A pequenez e fragilidade da fíbula é, por outro lado, compatível com um fecho de cinto a ela associado: um e outro, pertencentes à sepultura 2, pressupõem tecidos finos, por certo uma das produções de maior interesse para as elites locais, justificando-se a sua importação.

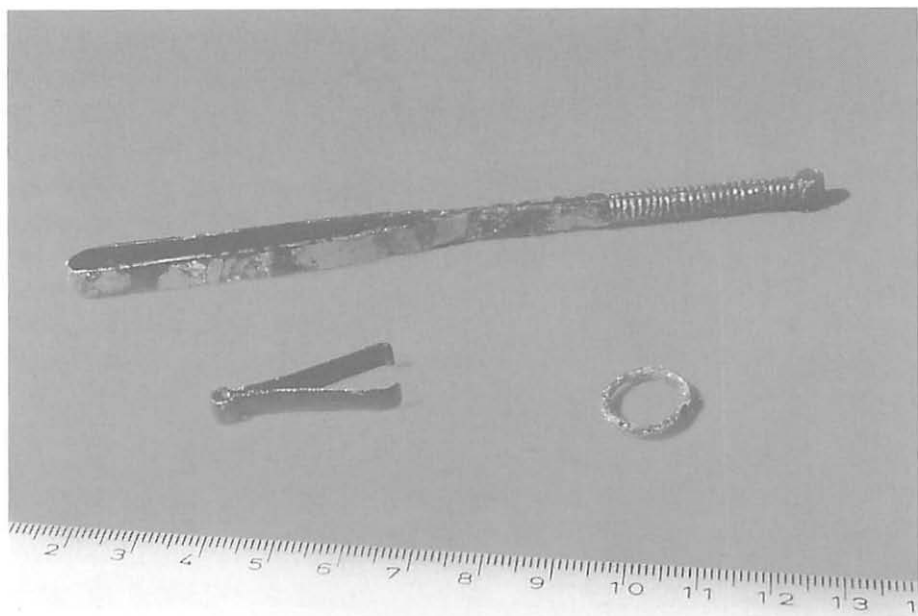


FIGURA 21 – Pinças de bronze recolhidas no sepulcro da Roça do Casal do Meio, Calhariz (Sesimbra).
À direita, em baixo, argola, também de bronze. Foto de M. Leitão

As características apontadas, somadas às do sepulcro — contrastando com a sabida “penumbra” associada às tumulações do Bronze Final peninsular — fazem deste sítio uma das mais expressivas provas das influências culturais mediterrâneas, resultantes do comércio estabelecido com o ocidente peninsular nos finais do II ou inícios do I milénio a. C., anterior aos primeiros estabelecimentos fenícios ocidentais. Se os dois indivíduos ali tumulados pertenciam às elites locais, aculturadas aos costumes exógenos, ou eram mesmo comerciantes de origem sarda, é aspecto que, no estado actual dos conhecimentos, parece temerário discutir. A admitir esta segunda hipótese, ter-se-iam de procurar os locais de comércio, junto à costa, à semelhança do verificado, um pouco mais tarde, a partir do século IX AC, com a chegada e implantação na região dos comerciantes fenícios à região.

Desta forma, a Baixa Estremadura configurava-se, no fim do Bronze Final, como uma entidade geográfica, económica e cultural que garantia a articulação dessa realidade dual — o Atlântico e o Mediterrâneo — de cujo caldeamento resultou um dos traços essenciais e permanentes do território português, subjacente à própria identidade nacional.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, M. T. (1990/1991) — O Homem da gruta da Figueira Brava (ca. 30 000 BP). Contexto ecológico, alimentação, canibalismo. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa, 31: 487-536.
- ANTUNES, M. T. & CARDOSO, J. L. (2000) — Gruta Nova da Columbeira, Gruta das Salemas and Gruta da Figueira Brava. Stratigraphy, and chronology of the pleistocene deposits. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa* (Classe de Ciências). Lisboa, 38: 23-67.
- ANTUNES, M. T. & CUNHA, A. S. (1992) — Neanderthalian remains from Figueira Brava cave, Portugal. *Geobios*. Lyon, 25 (5): 681-692.
- ANTUNES, M. T.; CABRAL, J. M. P.; CARDOSO, J. L.; PAIS, J. & SOARES, A. M. M. (1989) — Paleolítico Médio e Superior em Portugal: datas 14 C, estado actual dos conhecimentos, síntese e discussão. *Ciências da Terra*. Lisboa, 10: 127-138.
- ANTUNES, M. T.; CARDOSO, J. L.; KULLBERG, J. C. & LEGOINHA, P. (1992) — Paleolítico Médio em Galapos: o enquadramento geológico e a ocupação humana na Arrábida. *Ciências da Terra*. Lisboa, 11: 7-16.
- AZEVEDO, T. M. (1982) — *O sinclinal de Albufeira. Evolução pós-miocénica e reconstrução paleogeográfica*. Dissertação de doutoramento (Universidade de Lisboa). Lisboa, 302 p.
- AZEVEDO, T. M.; CARDOSO, J. L.; PENALVA, C. & ZBYSZEWSKI, G. (1979) — Contribuição para o conhecimento das indústrias mais antigas do território português: as jazidas com “Pebble Culture” da Formação de Belverde — península de Setúbal (Vilafranquiano Médio). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal, 5: 31-45.
- BARROS, L. (1998) — *Introdução à Pré e Proto-História de Almada*. Câmara Municipal de Almada, 49 p.
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1945) — *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la Géologie du Quaternaire. II — les principaux gisements des plages quaternaires du littoral d'Estremadura et des terrasses fluviales de la basse vallée du Tage*. Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa, 26, 662 p.
- CARDOSO, J. L. (1992) — A jazida neolítica da Amieira (Sesimbra). Nota da sua identificação. *Sesimbra Cultural*. Sesimbra, 2: 10-14.
- CARDOSO, J. L. (1993) — *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*. Dissertação de doutoramento (Universidade Nova de Lisboa). Câmara Municipal de Oeiras. Oeiras, 567 p.
- CARDOSO, J. L. (1994) — O litoral sesimbrense da Arrábida. Resenha dos conhecimentos da sua evolução quaternária e das ocupações humanas correlativas. *Sesimbra Cultural*. Sesimbra, 4: 5-12.
- CARDOSO, J. L. (1995) — O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conimbriga*. Coimbra, 34: 33-74.
- CARDOSO, J. L. (1996) — As praias calabrianas da Estremadura Portuguesa e as primeiras comunidades peninsulares: o estado da questão. *Actas dos II Cursos Internacionais de Verão de Cascais* (Cascais, 1995). Câmara Municipal de Cascais, 1: 213-254.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998) — O povoado do Bronze Final do Castelo dos Mouros (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 7: 169-187.
- CARDOSO, J. L. (2000 a) — A sepultura da Roça do Casal do Meio (Sesimbra) no quadro dos rituais funerários da Idade do Bronze da Baixa estremadura. *Discursos*. Lisboa, 2 (série III): 243-251.

- CARDOSO, J. L. (2000 b) — Na Arrábida, do Neolítico Antigo ao Bronze Final. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa. 14: 45-70.
- CARDOSO, J. L. & MONJARDINO, J. (1976/1977) — Novas jazidas paleolíticas dos arredores de Alcochete. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2/3: 7-48.
- CARDOSO, J. L. & RAPOSO, L. (1995) — As indústrias paleolíticas da gruta da Figueira Brava (Setúbal). *Actas da 3ª Reunião do Quaternário Ibérico* (Coimbra, 1993). Coimbra: 451-456.
- CHOFFAT, P. & DOLIFUS, G. F. (1904/1907) — Quelques cordons littoraux marins du Pléistocène du Portugal. *Comunicações da Comissão dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 6: 158-173.
- COFFYN, A. (1985) — *Le Bronze Final atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Paris. Diffusion De Boccard: 441 p.
- COFFYN, A. & SION, H. (1993) — Les relations atlanto-méditerranéennes: éléments pour une révision chronologique du Bronze Final atlantique. *Méditerranée*. Lisboa. 2: 285-310.
- COSTA, A. I. M. (1905) — Estações prehistoricas dos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 10: 185-193.
- COSTA, A. I. M. da (1905) — Estações prehistoricas dos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 10: 185-193.
- COSTA, A. I. M. (1907) — Estações prehistoricas dos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 12: 206-217.
- COSTA, A. I. M. (1910) — estações prehistoricas dos arredores de Setúbal. Appendice. Homem protohistorico. Idades do Bronze e do Ferro no castro de Chibanês. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 15: 55-83.
- FERREIRA, F. B. (1951) — Notícia de novos achados na estação arqueológica da Ponta do Cabedelo (Costa da Caparica). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 1 (série II): 117-123.
- FONTES, J. (1916) — Sur un moule pour faucilles de bronze provenant du Casal de Rocanes. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 21: 337-347.
- GOMES, M. V. (1992) — A Idade do Bronze Final. *Proto-História de Portugal*. Universidade Aberta. Lisboa: 103-125.
- GONÇALVES, V. S. (1971) — *O castro da Rotura e o vaso campaniforme*. Junta Distrital de Setúbal. Setúbal, 199 p.
- KALB, P. (1980) — O “Bronze Atlântico” em Portugal. *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular* (Guimarães, 1980). Guimarães. 1: 112-138.
- Lo SCHIAVO, F. (1991) — La Sardaigne et ses relations avec le Bronze Final atlantique. *Actes du 1er Colloque du Parc Archéologique de Beynac “L’Âge du Bronze Atlantique* (Beynac, 1990) (Ch. Chevillot & A. Coffyn, ed.). Beynac: 213-226.
- RAPOSO, L. & CARDOSO, J. L. (1998) — *O sítio do Paleolítico Médio da Conceição (Alcochete)*. Centro de Estudos e Monitorização Ambiental da Lusoponte. Lisboa, 74 p.
- RAPOSO, L. & CARDOSO, J. L. (2000 a) — Mousterian industries of the gruta da Figueira Brava. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa (Classe de Ciências)*. Lisboa. 38: 305-323.
- RAPOSO, L. & CARDOSO, J. L. (2000 b) — A gruta da Figueira Brava (Setúbal) no contexto do Paleolítico Médio Final do Sul e Ocidente ibéricos. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa. 14: 7-19.
- RIBEIRO, C. (1871) — *Descrição de alguns sílex e quartzites lascados encontrados nas camadas dos terrenos terciário e quaternário das bacias do Tejo e Sado*. Academia Real das Ciências de Lisboa. Lisboa. 57 p.

- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1995 a) — Depositos del Bronce Final: sagrado o profano? Sagrado y, a la vez, profano? *Complutum Extra*. Madrid. 5: 21-32.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1995 b) — El significado de la ría de Huelva en el contexto de las relaciones de intercambio y de las transformaciones producidas en la transición Bronce Final/Edad del Hierro. *Complutum Extra*. Madrid. 5: 129-155.
- SERRÃO, E. C. (1966) — Bronzes de Alfirim e de Pedreiras, Sesimbra. Subsídios para o estudo do Bronze Atlântico. *In Memoriam do Abade Henri Breuil*. Revista da Faculdade de Letras de Lisboa. 10 (série III): 303-330.
- SERRÃO, E. C. (1974) — O Paleolítico do concelho de Sesimbra — uma síntese. *Estudos Arqueológicos* (trabalhos do Centro de Estudos Arqueológicos do Museu Arqueológico de Sesimbra). Setúbal. 1: 17-32.
- SILVA, C. T. (1963) — *Fauna malacológica do castro da Rotura*. Tertúlia Ciência, Cultura e Saber. Setúbal: 30 p.
- SILVA, C. T. & SOARES, J. (1986) — *Arqueologia da Arrábida*. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Natural. Lisboa: 211 p.
- SILVA, C. T. & SOARES, J. (1997) — Chibanes revisitado. Primeiros resultados da campanha de escavações de 1996. *Estudos Orientais* (Homenagem ao Professor António Augusto Tavares). Lisboa. 6: 33-66.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. CARDOSO, J. L.; CRUZ, C. S. & REIS, C. (1986) — Neolítico da Comporta: aspectos cronológicos (datas 14 C) e paleoambientais. *Arqueologia*. Porto. 14: 59-82.
- SOARES, J. (1998) — Escavações arqueológicas em Setúbal. *Al-madam*. Almada. Série II, 7: 8.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. (1975) — A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 1: 53-153.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. (1974/1977) — O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 7/9 (série III): 102-112.
- SOARES, J. BARBIERI, N. & SILVA, C. T. (1972) — Povoado calcolítico do Moinho da Fonte do Sol (Quinta do Anjo — Palmela). *Arqueologia e História*. Lisboa. 4 (série IX): 235-268.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. & BARROS, L. (1979) — Identificação de uma jazida neolítica em Fonte de Sesimbra (Santana, Sesimbra). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 5: 47-65.
- SPINDLER, K. & FERREIRA, O. V. (1973) — Der Spätbronzezeitliche Kuppelbau von der Roça do Casal do Meio in Portugal. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 14: 60-108.
- TARAMELLI, A. (1921) — Il ripostiglio dei bronzi nuragici di Monte Sa Idda di Decimoputzu (Cagliari). *Monumenti Antichi*. 27: 6-107.
- VILAÇA, R. (1995) — Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa. 9 (1): 487 p.
- ZBYSZEWSKI, G. & CARDOSO, J. L. (1978) — As indústrias paleolíticas de Samouco e sua posição dentro do conjunto quaternário do Baixo Tejo. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 63: 567-609.
- ZBYSZEWSKI, G. & TEIXEIRA, C. (1949) — Le niveau quaternaire marin 5-8 m au Portugal. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*. Porto. 8: 1-6.